



O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AINDA SOBRE A POSIÇÃO DO PARTIDO EM RELAÇÃO AOS ACTOS ELEITORAIS

A proximidade dos actos eleitorais de 1957 e 1958 reclama dos comunistas portugueses acção vigorosa e orientação clara — uma e outra estreitamente vinculadas às realidades da situação nacional do nosso país.

Estas duas condições são indispensáveis para que aquelas importantes jornadas eleitorais venham a constituir um passo muito importante para o reforçamento da unidade das forças anti-salazaristas e para a sua vitória posterior sobre o regime de Salazar.

No sentido de apetrechar todo o Partido com ideias claras para a acção, tem o Comité Central publicado alguns documentos que devem constituir material de estudo obrigatório dos nossos militantes. Em especial, o documento do Comité Central, de Outubro de 1956, «A SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL E A POSIÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS» fornece os elementos essenciais de análise da situação nacional e da política do Partido e faculta um esclarecimento mais amplo das nossas posições táticas no terreno eleitoral.

Neste capítulo é, porém, necessário esclarecer mais e mais pois os documentos publicados até agora são manifestamente insuficientes.

Em especial «O Militante» n.º 88, de Setembro de 1956, aborda as questões de tática eleitoral do Partido duma maneira incorrecta que não corresponde à discussão e às conclusões do Comité Central.

Daqui resulta que para muitos camaradas e para um vasto sector da opinião democrática, não estão ainda claras as razões porque o nosso Partido preconiza e luta hoje pela concorrência da oposição às próximas eleições, quando no passado preconizou e lutou firmemente pela obtenção prévia de condições mínimas para se poder concorrer aos actos eleitorais.

Como se sabe, as condições eleitorais mínimas, formuladas pela oposição eram: recenseamento honesto e fiscalizado; liberdade de propaganda e de reunião no período eleitoral; fiscalização do acto eleitoral pela oposição.

Evidentemente que o Partido não muda de política como quem muda de camisa. A política do Partido muda conforme mudam as condições internas e externas que a determinam.

O Partido estabelece a sua linha política para toda uma etapa histórica e, baseando-se nela, elabora as linhas gerais do seu plano de disposição das forças, pelo qual luta consequentemente ao longo de toda essa etapa. Pode-se dizer que a estratégia do Partido é, nas suas linhas gerais, a mesma, desde as primeiras horas de existência do regime salazarista.

Entretanto, as situações mudam numa cadência mais rápida e para lhes fazer face o Partido necessita de encontrar sempre novas consignas, novas formas de luta e de organização, numa palavra, necessita de adoptar novas disposições táticas para cada situação dada.

Sem esse constante ajustamento tático o Partido é ultrapassado pelos acontecimentos e todo o seu plano estratégico estará irremediavelmente comprometido.

Assim, a viragem do Partido quanto aos próximos actos eleitorais de 1957 e 1958, operada pelo Comité Central em Maio do ano passado, está fundamentalmente ligada às alterações produzidas na correlação de forças no decurso dos últimos 8 anos, não somente no plano nacional como no plano internacional.

Esta viragem foi possível porque as discussões travadas no seio do Partido e do seu Comité Central, particularmente depois da VI.ª Reunião Ampliada — discussões a que a luminosa análise do XX.º Congresso do P.C.U.S. trouxe uma contribuição decisiva — permitiram aprofundar a situação nacional, carrear até à Direcção do Partido muitas críticas preciosas de camaradas da base, muitos exemplos vivos de dogmatismo e de actuação sectária e tiveram o mérito inculcável de virar mais objectivamente para as realidades políticas do país a atenção e o labor do Comité Central.

Pode-se dizer que a discussão destes problemas e as suas conclusões políticas fundamentais apetrecharam um razoável número de camaradas para a justa aplicação da linha política do Partido no seu escalão de actividade, elevaram o nível leninista do Partido e do seu Comité Central e abriram novas perspectivas à actuação dos comunistas e das massas.

A TÁCTICA DO PARTIDO NAS ELEIÇÕES DE 1945 E NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1949 FOI JUSTA

Como se sabe, a posição do Partido Comunista e das restantes forças democráticas nas eleições para deputados à Assembleia Nacional, em 1945, subordinava a apresentação de candidatos e a concorrência às urnas à conquista prévia de condições mínimas, que garantissem a seriedade do acto eleitoral.

Esta orientação correspondia a um período de fluxo revolucionário, durante o qual as forças da oposição ao regime se tornaram fortes e aguerridas, enquanto que o salazarismo se debatia em grandes dificuldades.

O país acabava de sair dum período de grandes lutas de massas, de carácter económico e político, que mobilizaram centenas de milhares de trabalhadores e outros sectores da população portuguesa, enquanto que no domínio internacional a guerra terminava pela vitória relutante da coligação dos países democráticos sobre as potências nazi-fascistas. De 1942 a 1945 mais de 150.000 trabalhadores recorreram à greve em apoio das suas reivindicações e muitas centenas de outras lutas, grandes e pequenas, tiveram uma conclusão total ou parcialmente vitoriosa.

Ao mesmo tempo, sedentes de liberdade, as massas populares reclamavam a rápida democratização do país. No dia da Vitória centenas e centenas de milhares de

portugueses de todas as condições sociais, desde o Norte ao Sul, vieram para a rua em manifestações grandiosas, clamando resolutamente por **Liberdade! Democracia! ELEIÇÕES LIVRES!**

Estas potentes acções de massas deram um forte impulso à unidade das forças democráticas, elevaram a sua combatividade e permitiram, pela primeira vez desde o advento do fascismo, formular abertamente as reivindicações políticas fundamentais da Nação.

Em manifesto contraste com a unidade das forças democráticas as hostes salazaristas encravaram com evidentes apreensões o futuro do regime. Impotente para conter a maré ascendente da vontade popular, o salazarismo foi forçado a manobrar para sobreviver à derrota dos seus patrões do *grosso Berlin-Roma*.

Contando já nessa altura com o apoio das esferas reacçãoárias dos Estados Unidos e da Inglaterra, Salazar tentou impôr aos portugueses uma burla eleitoral, procurando iludir as aspirações populares mais profundas, ludibriar a opinião democrática internacional e conseguir a sua admissão na O.N.U.

Entretanto, é preciso dizer-se, que, em 1945, apesar do seu potente impulso, as forças democráticas não foram suficientemente fortes e agueridas para arrancar ao fascismo as condições eleitorais mínimas. Por outro lado, o regime tinha ainda o apoio de certos sectores da burguesia nacional, artificialmente enriquecidos pela guerra, os quais, apesar de vacilantes e atemorizados com o ascendente democrático no país e no mundo, estavam, contudo, interessados em salvar a estrutura reacçãoária do Estado salazarista.

É preciso também não esquecer que o curto prazo de um mês concedido pelo salazarismo para a campanha eleitoral, que a luta dos democratas não conseguiu fazer ampliar, era claramente insuficiente para organizar a participação da oposição no acto eleitoral.

Nestas condições a abstenção de 1945 constituiu uma vitória das forças democráticas e uma séria derrota da camarilha governamental.

Destas grandiosas jornadas de luta política a oposição saiu fortalecida e organizada. Contra os desejos e as previsões do salazarismo a unidade dos anti-fascistas e democratas portugueses, que até aí existira apenas no plano clandestino, consubstanciada no MUNAF, pôde assumir também a sua expressão legal através do grande *Movimento de Unidade Democrática* (MUD), enquanto que o regime de Salazar se revelou aos olhos da Nação e do mundo aquilo que efectivamente era — um regime fascista, dum reacçãoarismo extremo, claramente divorciado das amplas massas da Nação.

Este é o balanço político essencial das jornadas de 1945.

Passada esta crise o regime tentou por todos os meios rejeitar e consolidar as suas abaladas posições. O aparelho estatal e repressivo foi remodelado e reforçado, ao mesmo tempo que a mais desenfreada demagogia foi posta em prática com o objectivo de iludir as massas, dividir a unidade dos democratas portugueses e preparar assim uma nova armadilha eleitoral que desse ao regime a aparência de *democracia* que ele necessitava para ser admitido no concerto das Nações Unidas.

Estes esforços e manobras salazaristas eram apoiados pelos círculos reacçãoários dos Estados Unidos e da Inglaterra que disputam e repartem entre si as nossas riquezas nacionais e as das colónias, criminosamente entregues por Salazar em troca desse apoio.

Entretanto, no mundo, a diplomacia da bomba atómica e do dólar, consubstanciada no *Plano Marshall* e no *Pacto do Atlântico* instrumentos da chamada doutrina Truman davam forma à raivosa campanha anti-soviética e anti-democrática de reacção internacional.

Regimes reacçãoários como os de Salazar e Franco encontraram em tal campanha um arrimo precioso. Na Itália, na França e na Bélgica, os ministros comunistas foram afastados dos respectivos governos e leis eleitorais reacçãoárias destinadas a eliminar a representação da classe operária dos respectivos parlamentos foram votadas pelas chamadas *democracias* ocidentais.

No movimento operário internacional a questão Jugoslava provocou uma certa confusão entre as massas

e enfraqueceu, ainda que transitóriamente, o campo do socialismo.

No nosso país estas manobras e acontecimentos, habilmente explorados pelo salazarismo, repercutiram também fortemente na unidade das forças democráticas.

É fora de dúvida que foi a luta das classes trabalhadoras da cidade e do campo e a política aberta do nosso Partido, aliadas à dolorosa experiência de mais de 20 anos de fascismo, que tornou possível manter a unidade dos democratas portugueses até às eleições presidenciais de 1949.

Deve assinalar-se como um mérito do nosso Partido e das restantes forças democráticas portuguesas o facto de se terem conseguido manter unidas numa época em que por toda a parte, no mundo capitalista, se cavava o fosso da divisão entre os comunistas e as restantes correntes democráticas.

Estes factos mostram que, no nosso país, apesar dos factores antagonísticos, a correlação de forças era então, no fundamental, favorável às forças democráticas. Foi este balanço favorável da correlação de forças que permitiu, nas eleições presidenciais de Fevereiro de 1949, aglutinar a massa dos democratas e anti-fascistas portugueses à volta do candidato da oposição sob a consigna de «condições mínimas ou abstenção eleitoral!»

O general Norton de Matos foi, na altura, o candidato capaz de unir à sua volta as várias correntes da oposição democrática e os portugueses da mais diversa condição social. O movimento da sua candidatura tornou-se rapidamente um movimento de amplitude nacional, ganhou as cidades, vilas e aldeias do país, e, pela sua força e combatividade, permitiu não somente fazê-lo pôr as manobras e objectivos da camarilha salazarista como isolar os inimigos da unidade no próprio seio da oposição.

Na altura em vista que o salazarismo estava fundamentalmente interessado em aparecer aos olhos do mundo com uma *farpa* democrática; que tudo fez — directamente acolitado pelos agentes do imperialismo anglo-americano em Portugal — para alreir o candidato da oposição à sua armadilha eleitoral e aí batê-lo sem remissão.

A abstenção do general Norton de Matos foi a única posição justa e honrosa, aquela que permitiu pôr completamente a nu a demagogia, as violências e arbitrariedades da camarilha governante e servir os interesses superiores do povo e da Pátria. Ela estava, aliás, de acordo, com os compromissos assumidos pelas várias correntes e individualidades democráticas, inclusive na declaração pública do próprio candidato.

Analisando a posição do Partido nos actos eleitorais de Novembro de 1945 e de Fevereiro de 1949 o Comité Central concluiu que ela foi a mais conforme aos interesses vitais da classe operária e da unidade dos democratas portugueses. Neste período, a tática do Partido correspondeu a uma aplicação acertada da linha política do Partido às condições concretas nacionais e à justa observância da correlação de forças então existente no país.

A TÁCTICA DO PARTIDO NOS ACTOS ELEITORAIS DE NOVEMBRO DE 1949, JULHO DE 1951 E NOVEMBRO DE 1953 FOI ERRADA

Se é certo ter sido possível manter unidos no fundamental os democratas portugueses até às eleições de Fevereiro de 1949, deve salientar-se, entretanto, que já no decorrer da campanha pela candidatura do general Norton de Matos eram perfeitamente visíveis os germes de divisão da unidade.

As discrepâncias acesas acerca do ir ou não ir às

eleições sem as condições mínimas extremaram, as posições, exacerbaram as divergências entre as forças democráticas e enfraqueceram a unidade anti-salazarista.

Tais discrepâncias não foram, contudo, a causa da divisão. Como se diz justamente no documento de Outubro de 1956, do Comité Central, o « Pacto do Atlântico e a guerra de agressão contra o povo coreano, nessa altura em franca preparação, aliados à intensa campanha anti-comunista desencadeada pela reacção internacional, provocaram fortes solicitações de classe e conduziram, no nosso país, à ruptura da unidade em 1949. »

Nestas condições era inevitável a divisão das forças democráticas portuguesas e ela verificou-se, de facto, não sendo justo atribuir responsabilidades da relevância a este ou àquela agrupamento político nacional e muito menos ao Partido Comunista Português.

O nosso Partido não podia, pois, evitar ou impedir essa divisão da unidade.

Contudo, apesar do sentido desfavorável da correlação de forças teria sido possível encontrar pontos mínimos para uma acção comum se o Partido tivesse sabido analisar correctamente a situação e encontrar novas formas para um novo reagrupamento das forças democráticas logo que as condições se modificassem. Todavia — como se diz no documento de Outubro de 1956 do C.C. — « nessa nova situação o Partido Comunista não soube, firmemente apoiado em posições de princípio, dar provas da necessária paciência e maleabilidade para com os restantes sectores anti-salazaristas e, assim, manter constantemente abertas as portas para uma nova e mais larga unidade. »

As eleições de Novembro de 1949 para deputados à Assembleia Nacional teriam proporcionado novas aproximações, novas possibilidades de acção legal, de luta comum, pelas liberdades democráticas.

É certo que nesse período o nosso Partido sofreu profundos golpes do inimigo que o atingiram duramente nos seus quadros dirigentes e em algumas importantes organizações. As questões da defesa do Partido passaram para o primeiro plano e os problemas políticos foram descurados. Isto não justifica, entretanto, a nossa posição errada.

Foi o secterismo que impediu o Partido de apoiar todos os esforços para a apresentação de candidaturas de oposição, e de se lançar audaciosamente à organização e à mobilização das massas num amplo movimento eleitoral ainda que a concorrência às urnas pudessem estar condicionada à conquista prévia das 3 condições mínimas.

Uma orientação larga do Partido teria permitido reduzir as divergências que separavam o Partido e as restantes forças anti-salazaristas sobre as questões essenciais. Mas o secterismo impediu-nos de ver esse caminho e conduziu a novos erros nas eleições de 1951 e 1953.

Nas eleições presidenciais de Julho de 1951 o Partido, tomando os seus desejos por realidades, considerou o MND como a forma mais acabada da unidade e, por analogia, considerou o seu candidato à Presidência da República, o professor Rui Luís Gomes, como o candidato que, na altura, melhor correspondia aos interesses da luta anti-salazarista.

Esta questão é abordada de forma defeituosa no artigo de « O Militante » n.º 88.

O professor Rui Gomes é uma nobre figura de democracia e patriotismo, um grande vulto da nossa intelectualidade progressista cuja abnegação e heroísmo lhe granjearam a simpatia e a consideração de milhares de portugueses. Não está, naturalmente, em causa a personalidade ilustre do candidato do M.N.D. às eleições de 1951.

O problema que se coloca é que o professor Rui

Luís Gomes, como representante dos sectores mais radicais das forças democráticas, não podia, como não pôde realmente, agrupar à sua volta todas as correntes políticas interessadas numa mudança de regime.

O dogmatismo e as posições obreiristas do Partido impediram-nos mais uma vez de envidar todos os esforços para que fosse apresentado um candidato aceitável por todos os sectores da oposição ou, na impossibilidade de uma tal candidatura, apoiar aquela que melhor respondesse às exigências duma larga unidade anti-salazarista.

Erros idênticos foram cometidos pelo Partido nas eleições para deputados em Novembro de 1953.

Enquanto no mundo a situação evoluiu rapidamente a favor do campo da Democracia e da Paz, com os grandes êxitos da União Soviética e da China Popular na luta pelo afrouxamento da tensão internacional — êxitos coroados com a terminação da guerra da Coreia e com o fracasso da aventura provocadora de Berlim — o nosso Partido continuava teimosamente agarrado a uma orientação rígida e à mesma concepção fechada de unidade.

O Partido combateu duma forma sectária a apresentação de candidatos sem estarem previamente conquistadas as condições mínimas e, por outro lado, em vez de tentar por todos os meios uma aproximação com as outras correntes democráticas com vistas a uma acção comum no plano eleitoral, o Partido assestou o fogo principal das suas baterias contra aqueles democratas que, duma maneira errada, decidiram concorrer isoladamente ao acto eleitoral. É evidente que a posição sectária do Partido favoreceu as manobras divisionistas do salazarismo e não facilitou a reconciliação das forças democráticas.

O Partido não pôde, então, procurar com êxito um entendimento com todas as correntes anti-salazaristas para a apresentação duma lista de candidatos aceitável para toda a oposição, sem para isso exigir previamente as 3 condições mínimas. Se um tal entendimento não tivesse sido possível o Partido deveria ter lutado para que das listas apresentadas fossem excluídos elementos desclassificados — como, por exemplo, um Basílio Lopes Pereira — deveria inclusivamente definir a sua discordância de princípio com uma participação isolada no acto eleitoral e, entretanto, estabelecer para o questionário da ida às urnas, uma orientação mais conforme à nova correlação de forças.

Uma posição mais aberta do Partido teria encontrado, certamente, a compreensão e o apoio das amplas massas e, sem dúvida, teria apianado o caminho para um rápido reagrupamento das forças anti-salazaristas.

Actuando como actuou, o Partido cavou o seu próprio isolamento e contribuiu para a exacerbação das divergências no seio da oposição.

✱

Em conclusão: nas eleições para deputados em 1949 e 1953 o Partido deveria ter defendido a apresentação de candidatos sem a exigência prévia das condições mínimas — como o faz, aliás, nas eleições presidenciais de 1949 e 1951.

Quanto a ir, ou não, até à boca das urnas, sem a obtenção desses condições, isso deveria resultar duma observação objectiva da situação de momento, do grau de entendimento entre o Partido e as outras forças anti-salazaristas e, de qualquer forma, duma consideração superior dos interesses da luta anti-salazarista partindo das posições da classe operária.

A AUTO-CRÍTICA É A MARCA DUM PARTIDO SÉRIO

O nosso Partido nunca temeu trazer os seus erros perante as massas. A auto-crítica pública é a marca mais característica dum partido proletário sério, consciente das suas responsabilidades.

Nenhum outro agrupamento político senão o Partido Comunista é capaz de denunciar publicamente os seus erros porque só ele é capaz de tirar consequentemente todas as lições das próprias derrotas e de aprender com as massas.



O nosso Partido foi sempre o mais denodado campeão da unidade anti-salazarista.

Entretanto, o nosso Partido, como partido marxista-leninista não soube, então, analisar duma forma justa a situação nacional; não se deu conta da verdadeira natureza e profundidade das alterações produzidas na correlação de forças e, nessa base, traçar toda uma linha de conduta que lhe permitisse, em novas condições favoráveis, aglutinar as forças anti-salazaristas numa poderosa frente de combate ao regime.

O Partido estava incapacitado de levar à prática uma tal orientação porque estava dominado pelo dogmatismo e pelas deformações sectárias.

Tomando os seus desejos por realidades o Partido exaltou como coisas positivas certas consequências negativas da sua orientação; chamou de vitórias a factos e acontecimentos que na sua essência constituíam derrotas; considerou como fortalecimento da unidade algumas manifestações do seu próprio isolamento.

Em particular nos actos eleitorais de 1951 e 1953 o Partido sobrestimou a sua força e influência junto das massas e, consequentemente, avaliou de maneira errada a força e influência das restantes correntes anti-salazaristas e até mesmo as próprias possibilidades de manobra do regime de Salazar.

O nosso Partido tem no seu activo magníficas experiências quanto ao aproveitamento de possibilidades reais de luta, inclusive no terreno eleitoral.

Entretanto, nos actos eleitorais de Novembro de 1949, Julho de 1951 e Novembro de 1953 não foi feito tudo o que era possível nesse sentido. O Partido esqueceu momentaneamente que, em especial nas condições de luta contra o fascismo, é de uma importância decisiva saber combinar harmoniosamente as formas legais e ilegais de luta e que o justo aproveitamento das possibilidades de luta legal, oferecidas pelos actos eleitorais, permite um desmascaramento mais amplo do regime salazarista, enfraquece as suas bases de apoio e possibilita a organização e o treino político das massas indispensável para as batalhas políticas decisivas.

O segredo do êxito dum partido revolucionário reside na unidade entre a linha política e a sua aplicação prática.

O nosso Partido sempre afirmou que para derubar a camarilha governante era indispensável o mais amplo entendimento entre todas as correntes opostas ao salazarismo, desde a esquerda à direita, a mais ampla unidade de todos os portugueses sinceramente desejosos duma mudança de regime. A estes superiores objectivos tem o Partido subordinado, efectivamente o fundamental de sua actividade desde a subida do fascismo ao poder. Esses têm sido sempre as linhas gerais da sua orientação política.

Entretanto, em relação aos actos eleitorais de Novembro de 1949, Julho de 1951 e Novembro de 1953, a posição do Partido esteve em nítido desacordo com a sua própria orientação.

Houve assim, neste período, um claro desligamento entre a concepção teórica e os actos, entre a linha política e a sua aplicação prática, numa palavra, entre a estratégia e a tática.

Este desligamento traduziu-se de facto num desvio oportunista de esquerda da linha do Partido.

Armado com a experiência das suas vitórias e também das suas derrotas o nosso Partido saberá corrigir na prática as falhas do seu trabalho e da sua orientação. Sacando todos os ensinamentos duma experiência impõe-se que todo o Partido compreenda a importância política das próximas jornadas eleitorais e nelas se lance audaciosamente.

A NOVA POSIÇÃO TÁCTICA DO PARTIDO

Foi a síntese política dos nossos êxitos e insucessos no terreno da luta eleitoral nos últimos doze anos, juntamente com os factores novos decorrentes da actual correlação de forças no país e no mundo que levaram o Partido a defender uma nova posição em relação aos próximos actos eleitorais.

Como é sabido o Partido preconiza a ida às eleições sem a exigência prévia das condições mínimas. Este é o aspecto novo da nossa orientação. Mas, no momento actual, sem essas condições mínimas, é possível encerrar-se sucessos importantes no terreno eleitoral?

Sim, tais sucessos são possíveis desde que se verifiquem algumas condições indispensáveis.

A primeira condição é que se estabeleça um largo entendimento entre todas as correntes anti-salazaristas com vistas à condução da batalha eleitoral. A criação duma ampla frente eleitoral, à volta dum programa mínimo, abrangendo não somente os democratas de esquerda e da direita, mas todos os portugueses que desejam sinceramente novos rumos na política nacional, onde quer que se situe, seria um passo decisivo para esses sucessos importantes no terreno eleitoral. As condições objectivas para a constituição duma tal frente existem mas, como é evidente, a sua criação não depende exclusivamente do nosso Partido. Possam todos os sectores anti-salazaristas compenetrar-se desta questão e estarão preenchida uma das principais condições.

A segunda condição é que as massas populares, em especial a classe operária, se lancem ardorosamente na batalha eleitoral; se organizem em comissões eleitorais nas cidades, vilas e aldeias, nas fábricas e campos, em toda a parte. A criação duma vasta organização de massas constituirá a mais sólida base de apoio duma campanha eleitoral séria. Uma tal organização levará a campanha eleitoral a todos os recantos do país, até ao seio das massas, fará de cada cidadão organizado um activo propagandista do programa eleitoral mínimo, ligará a luta eleitoral à solução dos problemas vivos do povo, lá onde ele vive, labuta e sofre, além de que só ele poderá resolver os múltiplos problemas que decorrem da participação da oposição às eleições, tais como o recenseamento, a difusão da propaganda eleitoral, mais tarde a batalha do voto. Só ela, aliás, lhe imprimirá um carácter amplamente democrático anti-salazarista.

Neste sentido e acção do Partido será decisiva. Os militantes do nosso Partido deverão ser organizadores e propagandistas eleitorais dum tipo novo.

A terceira condição é que se trave desde já luta acesa pela mais ampla liberdade de propaganda e reunião durante a campanha eleitoral e pela fiscalização das eleições pela oposição.

Esta luta nada tem que ver com a exigência prévia das 3 condições mínimas, mas ela é indispensável para impedir, numa grande medida, as arbitrariedades, as restrições e as burlas que não deixarão de ser praticadas pelo salazarismo.

A quarta condição é que as massas populares se lancem abertamente na luta por reivindicações económicas e políticas de toda a espécie.

Luta pelo aumento imediato de salários, jornas e vencimentos, contra os elevados impostos, contra os monopólios, pela elevação do bem estar material do povo português; luta contra a censura, por uma amnistia imediata a todos os presos políticos e sociais; luta contra a política anti-nacional do governo de Salazar; luta pela defesa da Paz.

Esta condição será decisiva para elevar a combatividade das massas populares, para enfraquecer e desagregar o aparelho salazarista e garantir a participação duma larga massa de portugueses anti-salazaristas no acto eleitoral.

Será na medida em que estas condições forem preenchidas que se poderá encerrar com segurança a possibilidade duma vitória da oposição no terreno eleitoral, que poderá consistir em fazer entrar na Assembleia Nacional alguns representantes da oposição anti-salazarista.

OS PROBLEMAS DA CONSTRUÇÃO SOCIALISTA NA CHINA

Parte final do Informe de LIU-CHAO-CHI ao
VIII.º Congresso do Partido Comunista da China

IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA EXPERIÊNCIA

A PESAR do Partido haver acumulado até 1934 uma rica experiência, os seus quadros da época não fizeram um estudo real dessa experiência. Embora tenham por diversas vezes rejeitado a linha errónea, só se limitaram na realidade a condenar os dirigentes que haviam cometido erros, não analisaram devidamente esses erros e as suas raízes gnoseológicas, e, por conseguinte, não puderam ajudar os quadros do Partido a elevar o seu nível de consciência. Os oportunistas de esquerda a cuja frente estavam os camaradas Van Min, Bo Gu e outros, que dominaram o Partido principalmente de 1931 a 1934, não só não aprenderam com os erros na realização das linhas anteriores mas permitiram, por força de suas concepções dogmáticas e estilo de trabalho profundamente autoritário, que os erros subjectivos e sectários chegassem a proporções incalculáveis na história do Partido. De modo algum levavam em conta a situação real das classes no país, não prestavam atenção à correlação objectiva entre as suas próprias forças e as forças do adversário, seguindo uma orientação profundamente aventureira, tanto no sentido político como no militar. Quanto à vida interna do Partido, aboliram totalmente a democracia interna e desenvolveram uma luta interna demasiada dentro do Partido. A sua direcção errada acarretou uma séria derrota na luta revolucionária e a perda de quase 90% do Exército Vermelho e das bases revolucionárias de apoio, a derrota quase completa das organizações do Partido existentes nas regiões em que o Kuomintang dominava e das organizações revolucionárias dirigidas pelo Partido.

Após 1935 surgiu outra situação. A reviravolta verificada no Partido em 1935 foi no fundo o resultado de que a maioria dos quadros superiores do Partido havia aprendido com as derrotas, adquirido experiência e elevado o seu grau de consciência. Depois disso, porém, o Comité Central do Partido de forma alguma impôs penalidades sérias aos camaradas que haviam cometido erros, continuando a indicá-los para os postos dirigentes correspondentes, esperando pacientemente e ajudando-os realmente a ter consciência dos seus erros. A par disso, o Comité Central do Partido ajudava sistematicamente os quadros de todo o Partido a compreender gradualmente a tese marxista-leninista sobre a união entre a teoria e a prática e a tese da correspondência obrigatória das nossas ideias subjectivas à realidade objectiva.

Graças a um considerável esforço no trabalho ideológico e orgânico a causa do Partido desenvolveu-se rapidamente. Paraprestar ajuda a todos os quadros do Partido, inclusive aos camaradas que haviam cometido erros, o estudo consciencioso da experiência histórica acumulada pelo Partido, na assimilação dos métodos certos de pensar e de trabalhar, o que visava a reduzir o número dos erros no trabalho, o Comité Central do Partido durante 7 anos após a conferência em Tzuni desenvolveu em todo o Partido o célebre «Movimento pela correcção do estilo», orientado contra o subjectivismo, o sectarismo e os esquemas padronizados do trabalho do Partido, organizando os quadros para que eles durante esse movimento, partindo de posições, concepções e métodos marxistas-leninistas, fizessem uma verificação cuidadosa na sua ideologia e trabalho e também uma análise da direcção exercida pelo Partido

no sentido ideológico, político e orgânico e desenvolvesse uma profunda crítica e auto-crítica. Graças a isso elevou-se realmente o nível de consciência marxista de muitos quadros, a sua capacidade de fazer distinção entre aquilo que era certo e errado dentro do Partido. Muitos quadros reconheceram o erro de dogmatismo, que se traduzia no desligamento em relação à realidade e o erro do empirismo — o desligamento da teoria — e eles aprenderam o estilo da ligação com as massas, o estilo da pesquisa e do estudo, o estilo de abordar uma questão de maneira prática. Tanto dentro do Partido como fora dele o seu trabalho começou a corresponder mais à realidade objectiva.

SUPERAR O SUBJECTIVISMO

A experiência acumulada pelo nosso Partido, a que nos referimos acima, confirma plenamente que a superação do subjectivismo na consciência é importantíssima chave para conseguir-se o desenvolvimento do trabalho do Partido e para evitar-se grandes erros.

Nas concepções e na actividade dos nossos quadros continuam a existir ainda hoje sérios erros subjectivos que poderiam ser evitados e que causam grandes danos ao nosso trabalho. Estamos hoje em novas condições e as tarefas que se nos apresentem também são novas. Temos que resolver toda uma série de problemas mais complexos, não existentes anteriormente. Nessas condições, se não elevarmos, por todos os meios, o nível da consciência marxista-leninista, se não dominarmos novos conhecimentos, se não esluidermos profundamente novas especialidades e nos contentarmos com o elogio às vitórias alcançadas, teremos fatalmente como resultado o desenvolvimento de erros subjectivos. A par disso, numerosos novos membros que se incorporaram no nosso Partido ainda não adquiriram a necessária tempera marxista-leninista e podem facilmente tornar-se focos de subjectivismo e de dogmatismo.

Para lutar com eficácia contra o subjectivismo é necessário elevar sistematicamente o nível marxista-leninista no nosso Partido é necessário antes de tudo que os quadros, e sobretudo os quadros superiores intensifiquem sistematicamente o estudo do marxismo-leninismo para que possam assumir posições, concepções e métodos marxistas-leninistas para analisar e resolver as questões da vida prática, elevem a sua capacidade de orientar-se em condições complexas e de encontrar a verdade e também aprendam a empregar a teoria marxista-leninista ao estudo e generalização da experiência do seu trabalho e encontrar nessa experiência as leis que regem o desenvolvimento dos fenómenos concretos. Em segundo lugar, intensificar a educação das massas de novos membros do Partido no espírito de unidade entre a teoria e a prática para que gradualmente compreendam as posições, o estilo e os métodos do marxismo-leninismo, assimilem os conhecimentos básicos decorrentes das lições gerais do marxismo-leninismo, da história do Partido e da situação actual na edificação do socialismo no nosso país e compreendam o dano causado pelo subjectivismo — tanto o dogmatismo como o empirismo; é particularmente importante que os intelectuais, novos membros do Partido compreendam o mal do dogmatismo. Em terceiro lugar é necessário intensificar o trabalho teórico no Partido. Devemos sem tardança concentrar esforços para ajudar os sábios que estudam o marxismo-leninismo e que se encontram tanto no Partido como fora dele, a fim de que



estudem os problemas mais importantes e a experiência básica das transformações socialistas e da edificação do socialismo no nosso país, as questões internacionais actuais, as lutas básicas do marxismo-leninismo. Devemos ajudar também os sectores da ciência estreitamente ligados a esses problemas para que o seu trabalho de pesquisa científica corresponda às exigências inadiáveis do trabalho prático do Partido actualmente, às exigências da educação marxista-leninista das amplas massas de membros do Partido e da juventude e ao espírito da unidade entre a teoria e a prática.

Com a finalidade de travar uma luta efectiva contra o subjectivismo é também necessário que tomemos várias medidas para melhorar o trabalho prático do Partido.

Todos os órgãos dirigentes do Partido devem intensificar consideravelmente o trabalho de pesquisas e de estudos da situação real. Todos os erros cometidos no trabalho do Partido durante os últimos anos — o conservenismo de direita, o avanço precipitado e o burocratismo estéril — resultaram do estudo inconsciente e errado da situação real e da generalização da experiência das massas. Entre apreciável número do militante assim como em alguns membros das instituições oficiais a respeito dos quais já falámos começaram a surgir estados de espírito que revelam presunção e auto-suficiência.

Esses militantes preferem encerrar-se dentro das quatro paredes das instituições, substituem a pesquisa pelo pavoroso vazio e estabelecem directrizes políticas partindo dos seus ideais subjectivos; não desejam aprofundar-se entre as camadas inferiores, ouvir as opiniões das massas, controlar as decisões do Partido e na prática verificar a justeza dessas decisões, não desejam estudar com persistência tudo o que é novo e com acerto apoiar o seu desenvolvimento. O Partido deve educá-los para que compreendam profundamente o mal causado ao trabalho pelo seu subjectivismo. O Partido deve ajudá-los a aprender a realizar conscientemente entre as massas o trabalho de pesquisas e de estudos da situação, ajudá-los a dominar o método de trabalho segundo o princípio «colher entre as massas e levar para as massas», e também ajudá-los a entender ser isto condição necessária para que possam continuar a exercer a actividade de direcção do Partido.

A DIRECÇÃO COLECTIVA

Para que a direcção partidária corresponda à realidade objectiva e com a finalidade de facilitar a generalização da experiência e das opiniões das massas, e também para diminuir as possibilidades de erros em todas as organizações do Partido sem excepção, é necessário realizar de maneira consequente o princípio da direcção colectiva e ampliar no Partido a democracia interna. As decisões sobre todas as questões mais importantes devem ser submetidas a debate amplo no colectivo correspondente, devendo o exame dos diferentes pontos de vista ser feito numa atmosfera de discussão livre para reflectir de maneira mais ou menos completa os diferentes pontos de vista das massas, tanto dentro do Partido como fora dele, isto é, reflectir da maneira mais ou menos correcta cada aspecto dos fenómenos objectivos e o processo do seu desenvolvimento. Todo o dirigente deve saber ouvir pacientemente e meditar sem pressa nos pontos de vista que são opostos ao seu, sem vacilar em acellá-los integralmente ou em parte se são sensatos, deve continuar a cooperar sinceramente com qualquer companheiro que de boa intenção e responsabilmente manifeste qualquer opinião oposta e não deve, em caso algum, perseguir esse companheiro. Só assim a direcção colectiva e a coesão dentro do Partido serão reais e não formais e as organizações partidárias e a causa do Partido prosperarão.

No projecto de novos estatutos para o Partido Comunista da China apresentado pelo Comité Central dedica-se grande atenção aos problemas da realização da direcção partidária colectiva e à ampliação da democracia interna no Partido.

Ten-Hsiao-Ping dá explicações detalhadas a respeito do projecto e por isso não há necessidade de que

mê detenha a respeito dele. No projecto dos estatutos há várias novas leses sobre os direitos dos membros do Partido e das organizações inferiores. O projecto prevê que o membro do Partido tem o direito de revelar integralmente a iniciativa criadora no trabalho e, em caso de não concordar com a decisão do Partido, realizando incondicionalmente essa decisão, manter a sua opinião e encaminhá-la aos órgãos partidários dirigentes. O projecto estabelece que todas as questões de carácter local e as questões que exigem decisões das organizações locais devem ser por estas solucionadas para que as decisões correspondam às condições locais; além disso o projecto prevê que se uma organização inferior considera que a decisão tomada por uma organização superior não corresponde à situação de facto em determinada região ou sector, deve solicitar à organização superior que modifique essa decisão. O projecto de estatutos também prevê a introdução do sistema de representação permanente para os Congressos Partidários de todos os graus — a partir do distrito para cima estabelece a realização de sessões do Congresso uma vez por ano. Tudo isso considera em conjunto sem dúvida alguma contribuirá para elevar a actividade de todas as organizações e membros do Partido.

A DEMOCRACIA FORTALECEU O PARTIDO

É claro que a ampliação da democracia interna no Partido não enfraquece, e sim, ao contrário, reforça o centralismo do Partido; o desenvolvimento da iniciativa criadora dos membros do Partido não enfraquece, mas, ao contrário, reforça o espírito de disciplina nas suas fileiras. Ao mesmo tempo, o princípio da direcção colectiva no nosso Partido de forma alguma nega a necessidade da responsabilidade individual e o importante papel dos dirigentes; ao contrário, é garantia de que o dirigente poderá, de maneira plenamente justa, e mais eficaz, revelar o seu papel pessoal. Todos nós sabemos que o chefe do nosso Partido, o camarada Mao Tse-Tung, representa o papel de grande limoeiro da nossa revolução e goza de elevada autoridade em todo o Partido e entre todo o povo, não só porque combina com pericia e verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução chinesa, mas também porque é inabalável a sua fé na força e sabedoria das massas, mantém a linha das massas no trabalho partidário e defende firmemente os princípios da democracia partidária e da direcção colectiva.

A atitude justa para com os camaradas que cometem erros é uma das condições necessárias para que o Partido possa dirigir com acerto.

Impor uma severa penalidade a companheiros que hajam cometido erros e até mesmo excluí-los do Partido — é muito fácil fazê-lo. No entanto se não resolvermos os problemas ideológicos que motivaram os erros, então uma penalidade severa não só não pode garantir o Partido contra a repetição dos erros anteriormente cometidos, como até mesmo pode acarretar erros ainda mais sérios. A partir de 1927, quando no nosso Partido dominava a linha oportunista de esquerda, quando se empregava na luta interna do Partido o método da luta impactável e do golpe impeditivo teve origem uma situação em que no Partido se tornou impossível fazer distinção entre a verdade e o erro. A vida partidária tornou-se morta. A força vital do Partido debilitou-se e um sério dano foi imposto à causa do Partido.

Depois que o Comité Central do Partido, chefiado pelo camarada Mao Tse-Tung, corrigiu os erros cometidos por força da linha oportunista seguida pelos camaradas Yan Min, Bo Gu e outros, pôs-se fim à forma errónea de luta interna do Partido.

A LUTA INTERNA NO PARTIDO

Na luta interna no Partido é preciso antes de tudo estabelecer uma estrita delimitação entre as questões do que está certo e do que está errado dentro do Partido e as questões relativas aos contra-revolucionários, renegados e burocratas que penetram nas suas fileiras.

Em relação aos elementos contra-revolucionários e aos renegados que penetram nas fileiras do Partido e que se entregam tenazmente à actividade cisionista e de sapa dentro do Partido, e demais elementos incorrigíveis e moralmente degenerados o Partido deve tomar posição firme e expulsá-los das suas fileiras. Nas nossas fileiras realmente penetram contra-revolucionários e outros elementos perniciosos. Já em certo grau limpámos o Partido desses elementos. Continuaremos a dedicar atenção para lhes barrarmos o caminho e nos livrarmos deles. Os factos revelam porém que esses elementos constituem apenas minoria insignificante. Depois que o Partido começou a dirigir o poder estatal, no Partido tornaram-se frequentes, até certo ponto, fenómenos como delapidação, transgressão das leis de disciplina e decomposição moral; é necessário pôr fim a fenómenos tão sérios com a maior dureza. Realizamos luta de massa contra o peculato e a delapidação, contra a violação das leis e da disciplina e depois dissolvemos o bloco anti-partidário de Kao Kang e Ya Chu-Chi, que haviam tentado apoderar-se da direcção do Partido e do Estado por meio de uma conjura. Devemos continuar a realizar regularmente a luta ideológica e tomar medidas disciplinares contra os fenómenos de decomposição, livrando sistematicamente o Partido dos elementos incorrigíveis e corruptos; em relação, porém, aos companheiros que cometeram erros no trabalho pela falta de compreensão dum problema, o Partido orientou-se com decisão e continuidade pelo princípio de «punir pelo passado para edificar o futuro, curar para salvar o doente» e também pelo princípio de «ajudar a compreender os problemas ideológicos e alcançar a coesão com os camaradas», insistindo pela educação ideológica e não permitindo a aplicação irreflexiva de penalidades. Firmando-nos em factos e na procura da verdade é necessário criticar as concepções erróneas desses companheiros e analisar as causas dos seus erros. A finalidade disso é ajudá-los visando à união futura com eles para o trabalho em conjunto. Apesar de o camarada que tenha cometido no trabalho um sério erro dever ser submetido à penalidade correspondente ou transferido devidamente para outras funções, devemos no entanto ajudá-lo fraternal e pacientemente a corrigir o seu erro visando a conseguir a unidade. Em última instância ao companheiro que tenha cometido erro — se o erro cometido pode ser corrigido dentro das fileiras do Partido e se ele próprio deseja corrigi-lo — é necessário oferecer-lhe a possibilidade de corrigi-lo, conservando-o no Partido, não se devendo nesse caso abusar dos direitos outorgados à organização e cominar penalidades que não correspondem à falta. E, ao contrário, se corrigimos, por métodos simplesmente grosseiros, os erros de carácter ideológico, então não só não conseguiremos resolver as questões ideológicas, não só poderemos ser repetidos os erros como também será inteiramente causado dano à atmosfera de fraternidade no Partido e até mesmo pode ocorrer a transformação de simples divergência em cisão orgânica.

Elevando a preparação é a consciência marxista-leninista, intensificando a pesquisa e o estudo da situação real, ampliando a democracia interna no Partido, melhorando a situação no domínio do trabalho orgânico e empregando um método justo de abordar os erros no trabalho, o Partido conseguirá forçosamente reforçar continuamente a coesão e a unidade nas suas fileiras. Por sua vez, a coesão e a unidade no Partido, correspondem, de maneira absoluta, não só aos seus próprios interesses mas também aos interesses de toda a classe operária e de todo o povo, porque o Partido é o núcleo dirigente de toda a classe operária e das massas populares no nosso país.

A UNIÃO ENTRE O PARTIDO E AS MASSAS

Devemos aglutinar solidamente todo o Partido, justamente para com firmeza aglutinarmos, por sua vez, toda a classe operária e as massas populares no nosso país. A fonte de todas as nossas forças reside justamente no facto de nos sabermos apoiar com firmeza

na classe operária e nas massas populares. Com a finalidade de construir no nosso país um grande estado socialista podemos fazer o máximo de esforços para reforçarmos ainda mais a união entre o Partido e as massas.

As amplas massas do nosso país estão organizadas. As diversas organizações de massas constituem a necessária corrente de transmissão que liga o Partido às massas. Além das cooperativas acima mencionadas, organizadas pelos camponeses, os sindicatos, as organizações juvenis e femininas, são as mais importantes organizações de massas.

Actualmente as organizações sindicais do nosso país, com 12 milhões de membros, representam importante papel na edificação do país. O Partido deve melhorar a direcção exercida sobre os sindicatos e, através destes, elevar a classe operária do nosso país ao nível duma classe organizada, consciente e possuidora de conhecimentos culturais e técnicos, e deve reunir estreitamente em torno de si as amplas massas dos operários. Por um lado, para a edificação do socialismo, os sindicatos devem incorporar as amplas massas de operários — pelo método da persuasão e da educação e com a ajuda da emulação socialista e do movimento dos elementos de vanguarda da produção — à luta pelo contínuo aumento da produtividade do trabalho; por outro lado, os sindicatos devem zelar profundamente para que as massas tenham actividade política e, destacando o papel das massas na realização do controle, lutar audazmente contra todas as manifestações de burocratismo nas empresas: transgressão das leis e da disciplina, atentados contra os interesses das massas e indiferença para com as suas condições de vida. As tendências para a violação de qualquer um dos dois aspectos dessa tarefa são erradas e devem ser extirpadas.

Nun futuro próximo a denominação União da Juventude da Nova Democracia da China, com 20 milhões de membros, será mudada para União da Juventude Comunista da China. Graças aos esforços eficientes desenvolvidos pela União da Juventude durante os últimos anos, cresce sem cessar a força de choque do socialismo, graças aos nossos valorosos jovens operários, empregados, camponeses, cientistas, técnicos e intelectuais representando complemento considerável às fileiras do Partido. Sob a direcção do Partido, a União da Juventude deve realizar de maneira ainda mais intensa, trabalho orgânico e ideológico entre os membros da União e as amplas massas da juventude e superar a deficiência na sua actividade que se manifesta quando certas organizações da União da Juventude não cuidam de usar métodos de trabalho que correspondam às peculiaridades da juventude e não usam os métodos de persuasão e de educação com a finalidade de impulsionar a actividade e a capacidade de iniciativa das amplas massas da juventude. O nosso Partido zela incansavelmente pelo movimento de libertação e apoia-o com firmeza considerando a libertação total das mulheres como um dos objectivos fundamentais da nossa causa. As amplas massas de mulheres no nosso país ocupam lugar cada vez mais importante no trabalho industrial e agrícola e também em muitas outras profissões. As mulheres progredem rapidamente em diferentes sectores tornando-se bons quadros. O Partido deve continuar a apoiar a sua aspiração ao progresso, ajudá-las a superar certas dificuldades específicas que têm que enfrentar em relação ao trabalho; ajudá-las a elevar a sua qualificação prática; corrigir, tanto dentro como fora do Partido, as concepções falsas que se manifestam no desdém pela mulher, também dedicar atenção à consolidação da nova moral na sociedade e na família, moral que assegure a igualdade de direitos entre o homem e a mulher e a defesa da maternidade e da infância. A Federação Pan-Chinesa de Mulheres Democráticas, com uma rede de organizações que se estendem por todo o país, é uma organização das amplas massas femininas. O Partido deve cuidar dessa organização, ajudá-la no trabalho e, através dela, fortalecer as relações entre o Partido e as massas femininas.

Com a finalidade de consolidar as estreitas ligações entre o Partido e as massas populares é necessário



que continuemos a intensificar o nosso trabalho entre todas as camadas da população; é necessário, em particular, educar com persistência todos os quadros e todos os membros do Partido no espírito da dedicação ilimitada ao povo. As principais características de um bom membro do Partido e de um bom dirigente traduzem-se no facto de conhecer bem as condições de vida e de trabalho do povo, de zelar pelas suas necessidades e compreender os seus pensamentos, ser modesto e trabalhador, participar das alegrias e das tristezas do povo, aceitar a crítica e o controle exercido pelo povo e não se mostrar auto-suficiente diante deste; consultar constantemente as massas que por sua vez estabelecerão de boa vontade com ele palestras cordiais. Se o nosso Partido for constituído por comunistas deste tipo, sempre possuirá forças inesgotáveis, invencíveis.

Da mesma forma que dentro do país nos firmamos no apoio das massas populares, na arena internacional firmamo-nos no apoio prestado pelo proletariado e pelos povos de todos os países. Sem a grande solidariedade manifestada pelo proletariado de todos os países e sem o apoio das forças revolucionárias internacionais o socialismo não poderá vencer no nosso país e, se a vitória for alcançada, será impossível consolidá-la se nos faltar esse apoio.

Devemos continuar a reforçar a solidariedade fra-

ternal com os Partidos Comunistas e Operários de todos os países e, além disso, é necessário que continuemos a estudar a experiência acumulada pelo Partido Comunista da União Soviética e pelos partidos comunistas de outros países, tanto na revolução como na edificação. Devemos manter uma atitude de amizade e de modéstia para com qualquer dos partidos irmãos, devemos lutar com firmeza contra quaisquer manifestações de desvios perigosos que representem o chauvinismo de grande potência e o nacionalismo burguês.

A revolução chinesa é parte da revolução proletária internacional. Todos os nossos êxitos contêm também os êxitos da luta que a classe operária e o povo trabalhador travam nos diferentes países, e o Comité Central do Partido Comunista da China transmite a sua gratidão sincera e a sua saudação aos partidos irmãos de todos os países e, por intermédio deles, à classe operária e ao povo trabalhador de todos os países afirmando que sempre poderão contar com a nossa solidariedade.

Que todos os membros do Partido constituam sempre um todo coeso! Estaremos sempre unidos às amplas massas populares do nosso país, à classe operária de todos os países e aos povos de todo o mundo! A nossa grande causa do socialismo fatalmente vencerá e no mundo não há forças que possam impedir a nossa vitória!

Transcrito do jornal brasileiro « VOZ OPERÁRIA » de 27-10-1956

O XX CONGRESSO E A MARCHA PARA O FUTURO

Por LÍDIA

A imprensa burguesa fez correr rios de tinta sobre uma das questões abordadas no XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética — A LUTA CONTRA O CULTO DA PERSONALIDADE. E nem uma palavra sobre as outras questões, de enorme importância para a humanidade, em que o Congresso se deteve, nomeadamente as teses do Congresso sobre a POSSIBILIDADE DE EVITAR A GUERRA NA NOSSA ÉPOCA (brilhantemente comprovada já com o fracasso da tentativa imperialista de transformar a agressão ao Egipto numa terceira guerra mundial), sobre a COEXISTÊNCIA PACÍFICA DOS SISTEMAS SOCIALISTA E CAPITALISTA, e sobre AS DIFERENTES FORMAS DE PASSAGEM AO SOCIALISMO. Nem uma palavra sobre outros acontecimentos que o Congresso anunciou: a diminuição da jornada de trabalho com o aumento simultâneo dos salários reais, medidas a favor dos velhos trabalhadores, melhoramento da condição da mulher e da família, avanço considerável na construção de habitações, ensino obrigatório até aos 17 anos, progressos inauditos no campo da técnica, da ciência, da cultura.

Será preciso perguntar porque é que a imprensa a soldo dos monopólios assim procedeu? Não estará claro para todos que, com o barulho, a confusão e a mentira à volta da luta contra o culto da personalidade de Stáline, se procurou apagar todas as outras questões? Este o primeiro objectivo em vista da reacção.

Mas, não teríamos tirado todas as conclusões que se impõe se ficássemos por aqui. A forma que através de todo o mundo os *gangsters* da pena escolheram para tratar este assunto revela mais alguma coisa: o propósito de quem lhes encomendou tais prosas que era DEFORMAR, DESORIENTAR, ESPALHAR A LAMA, DENEGRIR ESSA GIGANTESCA E NOBRE TAREFA QUE FOI A LUTA DAS CAMARADAS SOVIÉTICAS CONTRA O CULTO DA PERSONALIDADE DE STÁLINE, tudo isto de modo a dar a quem lere tal prosa uma imagem errada, falsa e até ridícula da realidade.

Nós já sabíamos que as palavras crítica e auto-crítica e tudo o que elas encerram têm para nós comunistas um significado que não têm para os reacçãoários

e em particular para os fascistas. Porém isso só não justificava a envergadura que tal campanha tomou nas colunas da imprensa salazarista. Tal campanha traduziu bem, sim, a profundidade do golpe que a reacção acabava de sofrer ao ver que se lhe tapava mais uma frincha por onde pudessem introduzir o seu contrabando ideológico e os agentes a seu soldo para socavarem por dentro os partidos comunistas. Não mais terreno favorável para os crimes dos Bérias, porque a garantia da participação de todos os membros do Partido na elaboração, discussão e aplicação da linha política deste é mais um obstáculo que a isso se levanta. A reacção sentiu que se havia posto o dedo na ferida.

ELIMINAR UM ERRO É DAR UM PASSO EM FRENTE

Todos sabemos que na sociedade soviética, onde não existem classes antagónicas em luta, o progresso, a luta entre o antigo e o novo verifica-se não sob a forma de luta de classes, como sucede no capitalismo, mas graças à crítica e auto-crítica. A crítica e auto-crítica são as forças motoras da sociedade soviética, que a impulsionam para a frente, tal como são um poderoso instrumento de progresso nas mãos dos partidos comunistas.

A crítica e auto-crítica permitem descobrir as contradições que ainda existem no seio da sociedade soviética, porque existem, e ultrapassá-las; permitem levar a cabo, com êxito, a luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce.

Por tudo isto, o facto das camaradas soviéticas, por meio da crítica e da auto-crítica, terem eliminado do seu trabalho erros que o entravavam e que se reflectiam prejudicialmente também no trabalho dos partidos comunistas de todo o mundo, só pode e deve causar-nos satisfação, porque, para os comunistas, a eliminação de um erro no trabalho significa sempre uma melhoria deste, um passo em frente.

Como compreender, pois, que alguns camaradas se lastimassem e até se revoltassem porque, diziam,

algo em que eles criam — a infalibilidade de Stáline — lhes fora erradicação? Como se um comunista pudesse acreditar em qualquer coisa que não fosse a verdade e pudesse viver apegado a ídolos! A reacção de tais camaradas mostra bem que não era no marxista, na sua verdade científica, que eles acreditavam. Se assim fosse concluiriam que o que de Stáline ficou de positivo — e muitíssimo foi! — para o enriquecimento do marxismo-leninismo, os camaradas soviéticos o resguardaram como era seu e é nosso dever.

Tais reacções provam bem, por outro lado, quão fundas eram as raízes idealistas da tal erro, para as quais o nosso Comité Central chamou muito justamente a nossa atenção, e como é necessário lutar para as erradicar de vez. Se no nosso coração deve haver lugar para a dor — e creio que deve — é para e que nos provoca o verificarmos os prejuízos, alguns irreparáveis, infelizmente, que tal erro causou em todo o movimento operário internacional e não para lamentarmos termos entrado no caminho da verdade, do marxismo-leninismo.

Como já foi sublinhado nunca nenhum marxista disse que os comunistas não cometeriam erros no seu trabalho. Dizer isso seria cair no idealismo, roubar-nos a nossa condição humana. O que distingue neste aspecto os comunistas, a sua virtude poderemos talvez chamá-lo assim, é procurar ver onde erram, procurar descobrir as causas dos erros para os eliminar e evitar que se repitam. E neste aspecto os camaradas soviéticos agiram também como verdadeiros marxistas. Mais, chegaram ao XX.º Congresso com os resultados práticos, concretos da sua luta para acabar com os erros anteriormente cometidos, o que só veio confirmar a justeza dessa luta.

Por outro lado também sabemos que a marcha para o socialismo e para a conquista do comunismo não se faz em linha recta, mas com zigue-zagues, procurando, encontrando e aplicando as soluções exigidas pelos diferentes momentos históricos e pelas novas circunstâncias. O marxismo não é nada de rígido, de fixo, de imutável, mas sim uma doutrina que evoluciona, que se desenvolve que se enriquece cada vez mais com novas aquisições que permitem a passagem a fases constantemente superiores do movimento operário. Um partido marxista-leninista não teme pôr a nu os seus erros porque sabe que a luta contra esses erros é a condição necessária para a passagem a uma fase superior da luta pelo socialismo. Quere-nos parecer que é neste sentido que um camarada nosso afirmava muito justamente que nem sempre os erros são um sinal de retrocesso, isto é, quando nos apercebemos deles. O que interessa é conduzirmos com justeza a luta para a sua eliminação, eliminando as suas causas e continuarmos vigilantes para evitarmos que outros do mesmo tipo venham a ser cometidos e ainda que outros doutro tipo assumam proporções tais que causem prejuízos graves ao nosso trabalho.

Tudo isto não deve de maneira alguma levar-nos a cair no fatalismo de que os erros são inevitáveis. Não. Há erros, que se podem evitar sobretudo se tivermos em conta as lições do passado vivido por todos os partidos comunistas.

CORREJAMOS OS NOSSOS ERROS

Trata-se agora, para cada um de nós, de procurar ver claro neste assunto, de projectar sobre ele toda a luz da ciência marxista-leninista. E neste aspecto cada um de nós pode e deve dar a sua contribuição por muito pequena que seja.

O erro que se cometeu — e que não foi exclusivo do Partido Comunista da União Soviética, dada a enorme influência e prestígio deste no mundo justificados através de anos e anos de luta tenaz e vitoriosa para a edificação da primeira sociedade socialista — o erro que se cometeu, dizíamos, foi o de acreditar que o marxismo-leninismo se devia enriquecer à custa da contribuição exclusiva dum só homem — Stáline — por muito grande que fosse a contribuição deste para tal enriquecimento; foi desprezar a iniciativa, a audácia e o poder de criação das massas, foi deformar a própria realidade histórica, como já foi dito. E daí a cairmos num dogmatismo estreito, árido, estéril vai apenas um passo.

Aceitar sem disculpir é dogmatismo, refugiar-se constantemente nas frases feitas, fugindo ao estudo profundo e concreto de determinado assunto, recorrer constantemente a citações, como foi sublinhado no XX.º Congresso, só serve para criar improvisadores e nada mais.

O culto da personalidade que foi quanto a nós causa e consequência da falta de trabalho colectivo, (parece-nos difícil destrinçar onde acaba a causa e começa o efeito) da não verificação na vida interna de alguns partidos dos princípios e normas marxistas-leninistas, teve, no nosso Partido, consequências que o Comité Central já analisou e tornou públicas. Como ali se sublinha «COUBE AO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA O GRANDE MÉRITO DE CONTRIBUIR DECISIVAMENTE PARA A ELIMINAÇÃO DO CULTO DA PERSONALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS AO DESCOBRIR E DENUNCIAR AS RAÍZES HISTÓRICAS E IDEOLÓGICAS DESTES FENÓMENOS».

Porém, em vez de se aperceberem do alcance da tal atitude, alguns camaradas a quem o desmascaramento e rectificação dos erros causou certas confusões, pretendiam raciocinar os acontecimentos da Polónia e Hungria com a luta contra o culto da personalidade, encardando-os como uma consequência dessa luta e do restabelecimento dos princípios do marxismo-leninismo na vida interna dos Partidos Operários da Polónia e da Hungria, como uma consequência da correcção dos erros como o dogmatismo, a falta de democracia interna e outros que o XX.º Congresso permitiu pôr a nu. Esta grosseira deformação dos factos representa o eco nas nossas fileiras das calúnias e mentiras da imprensa reaccionária sobre o XX.º Congresso e o Partido Comunista da União Soviética. Não. Não foi o XX.º Congresso à luz do qual foi possível pôr a nu tais erros e corrigi-los, como não foi a luta contra o culto da personalidade que estiveram na base dos acontecimentos de Poznam e Budapeste, como aliás pretendeu demonstrar a vernal imprensa burguesa. Pondo as coisas no seu lugar diremos que um dos grandes méritos do XX.º Congresso e do Partido Comunista da União Soviética foi justamente evitar que na Polónia e na Hungria os erros cometidos assumissem tais proporções que, a não serem corrigidos permitiriam, então sim, que a reacção internacional encabeçada e financiada pelos Estados Unidos, visse transformados em realidade os seus sonhos de restaurar o capitalismo na Polónia e na Hungria. O Partido Comunista da União Soviética ajudou a pôr a nu os erros que a reacção internacional de há muito vinha espreitando, aguardando o momento oportuno para intervir. E se o fez então, naquele momento, não foi porque aquele lhe parecesse o momento mais oportuno, melhor aquele com que ela sonhava, mas sim porque lhe pareceu o único. Daí para diante, a reacção sabia-o bem, menos possibilidades haveria para levar a cabo os crimes que da há muito vinha preparando. O inimigo de classe apercebeu-se, com verdadeiro sentido realista dos acontecimentos, que se começava a operar uma viragem a seu desfavor. Daí a sua pressa de agir, aproveitando o descontentamento que entre o povo existia, isso é inevitável, provocado por erros do passado, explorando habilmente as dificuldades tácticas e de organização dos Partidos Operários Polaco e Húngaro e a defeituosa correcção dos erros por eles empreendida que levou a atribuir aos Partidos responsabilidades que não tinham e a desprestigiar-los ante as massas. E assim a reacção arrastou muita gente descontente, que, só mais tarde, ante a onda de crimes desencadeada, se apercebeu da verdadeira face dos seus libertadores.

O facto de na sua intervenção criminoso na Hungria e Polónia, a reacção ter lido a necessidade de se esconder por detrás de palavras de ordem e consignas democráticas, facto que provocou também desorientação entre alguns camaradas, revela bem não só o carácter subtil e perverso dos seus actos como é uma prova de que ela sabia bem que o povo não estava interessado em voltar para trás, mas sim em conservar as suas conquistas democráticas e avançar.

Cabe ao XX.º Congresso e ao Partido Comunista da União Soviética o grande mérito, pelo que temos necessariamente de lhe estar agradecidos, de ter ajudado a pôr a nu alguns erros sérios do movimento operário.

NUNCA ME SENTI TÃO LIVRE!

E, afinal o que se conseguiu, vistas as coisas à luz da ciência marxista-leninista? Nada mais nada menos do que libertar esta das peias que engravavam o seu desenvolvimento mais rápido. Sim! Qualquer coisa nos foi arrancado dentro de cada um de nós. Não qualquer coisa que lá fizesse falta mas ervas daninhas que só podiam prejudicar o desenvolvimento de cada um como militantes e portanto do nosso trabalho.

Ao pôr as coisas no seu lugar o Partido Comunista da União Soviética no seu XX.º Congresso, recolhendo a sua própria experiência e a dos partidos irmãos, restituiu a cada comunista um enorme e valioso tesouro que um só homem guardava avaremente, convencido de que assim melhor o defendia das arremetidas do inimigo. Esta a legédia de Stáline, como já foi sublinhado. Podemos ter algumas dúvidas de que entregue ao poder criador das massas, à sua múltipla experiência e iniciativa criadora a ciência marxista desembrochará ainda com mais vigor? Não foi agindo e trabalhando neste sentido, à luz da crítica e da auto-crítica das massas de milhões de comunistas, que foi desmascarado o feroz inimigo do povo, Béria, que foi reconhecida a falsidade de algumas das teses de Stáline e que foram elaboradas pelo XX.º Congresso as novas teses atrás citadas?

Cabe a cada um de nós avaliar bem o que significa para os comunistas a luta vitoriosa contra o culto da personalidade, pelo restabelecimento dos princípios leninistas de direcção colectiva e da democracia interna na vida do Partido. Cabe-nos igualmente estudar e ter sempre presentes na nossa acção diária as importantes teses elaboradas pelo XX.º Congresso e os materiais, conclusões e estudos que o nosso Partido tem publicado. Cabe-nos igualmente, individual e colectivamente, uma grande responsabilidade e um grande esforço para

não permitir que através da correcção dos erros cometidos outros se venham a cometer ainda mais graves. Crítica livre e liberdade de crítica não se pode confundir com liberalismo ou com a liberdade de introduzir as ideias da reacção no nosso Partido. A admissão da tese da possibilidade de evitar as guerras na nossa época não deve conduzir-nos a um pacifismo inactivo ou ao abandono da luta pela Paz. Da mesma forma que seria bastante mau que a admissão da possibilidade da coexistência pacífica dos dois sistemas socialista e capitalista lvesse como resultado um enfraquecimento da nossa capacidade crítica dos erros, defeitos e vícios da reacção. Finalmente a tese que prevê várias formas para a passagem ao socialismo não deve, por um momento sequer, levar-nos ao abandono do princípio da luta de classes, princípio base de todo o materialismo histórico.

Parece-nos pois que, a par da valorização de cada um de nós como quadros do Partido, caminha o aumento da nossa responsabilidade individual e colectiva.

«Nunca me senti tão livre!» proclamou Joliot Curie a propósito dos apelos e convites por vezes insultuosos de reacção aos intelectuais comunistas que segundo ela reacção deviam estar desgostosos com os últimos acontecimentos.

Sim, «nunca me senti tão livre nem tão responsável» — eis o que cada um de nós pensa perante o novo passo que foi dado para a melhoria de todo o nosso trabalho e para a evolução mais rápida do marxismo-leninismo.

Esta a realidade ao mesmo tempo consoladora e vivificadora que o inimigo se esforça por nos esconder. É que ele sabe bem o imenso valor desta realidade, que temos o dever de trazer à luz do dia e de ter sempre presente na realização das nossas tarefas, quer que elas sejam.

OS COMUNISTAS e a luta dos corticeiros

A CLASSE corticeira é, podemos dizê-lo, um dos sectores da classe operária do nosso país que tem uma maior tradição de luta e espírito revolucionário. São exemplos disso, a sua participação activa e organizada nas grandes manifestações comemorativas do fim da segunda guerra mundial particularmente na Margem Sul do Tejo; as lutas prolongadas dos anos de 1944-1945-1946, em que se formaram dezenas de comissões de unidade nas fábricas e comissões de delegados locais e regionais e em que tiveram lugar muitas concentrações massivas junto dos peões e nos sindicatos, assim como assembleias nos sindicatos. São ainda exemplos disso, principalmente de há dois anos para cá, as dezenas de pequenas paralizações de trabalho e de concentrações junto dos peões, dos sindicatos e das autoridades, por aumentos de salário, contra o desemprego e por melhores condições de trabalho que levaram já os operários corticeiros a obterem aumentos de salário que vão de 10% a 30% e a satisfação de muitas outras reivindicações. Se não fora isso, a sua difícil situação económica seria bem pior. Neste momento a luta encontra-se um pouco amolecida. Podemos perguntar porque. Será porque os trabalhadores não querem lutar? Ou estão eles satisfeitos com a sua situação? Não. Eles querem lutar e lutam, como ainda recentemente nos provaram os responsáveis da empresa Barreiros que foram para a greve por melhores condições de trabalho e venceram; os operários e operárias da Cantinhos (Barreiro), que paralizaram o trabalho e rodearam o peão exigindo aumento de salário; os operários e operárias da Munder (Seixal), que lutaram pelos seis dias de trabalho e contra o roubo nos salários para pagar os dias feriados. Os operários não estão satisfeitos porque,

Por BORGES

se mais motivos não houvesse, bastava o facto de ainda não terem conseguido o aumento geral de salários de acordo com o aumento do custo de vida — a sua reivindicação mais sentida — para nos convencer que eles estão descontentes.

Mas há mais motivos ainda e bastante sentidos pelos quais os corticeiros querem lutar: são eles o desemprego, a falta de pagamento dos 50%, nas horas extraordinárias, a falta de segurança no trabalho, a falta dum assistência médica normal e gratuita, a falta de liberdades sindicais e ainda também as elevadíssimas rendas de casa, que obriga muitos operários e suas famílias a viverem em quartos e barracas de lata na maior das promiscuidades. Como vamos, disposição e motivos não faltam, o que falta é necessário para mobilizar, organizar e orientar os corticeiros na sua luta, é que tenhamos maior confiança nas suas forças e na sua capacidade de lutar.

Alguns camaradas dizem agora que os trabalhadores não têm tanta disposição porque está para sair o novo despacho, «o ministro já disse a um dirigente sindical sério que vai sair o despacho», «que o Partido precisa de ter em conta isto», etc.

Os camaradas que assim falam esquecem-se que o senhor ministro é um fiel representante dos exploradores do nosso povo, que ele também é um industrial corticeiro e na que está interessado é em fazer parar a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida.

Quantas vezes é que já o ministro veio junto dos trabalhadores, de sua livre vontade, melhorar-lhes a situa-

ção? Quantas vezes também é que os trabalhadores viram as suas reivindicações satisfeitas sem luta? Nenhuma vez. Então não é verdade que é o senhor ministro e os seus lacaios que, quando os trabalhadores se concentram nas empresas e nos sindicatos para discutir a sua situação, lançam sobre eles a G.N.R. e a PIDE e outras forças repressivas? É ou não verdade que ainda recentemente, no Montijo, foram vários trabalhadores presos e outros chamados à PIDE e aí espancados, só porque, juntos com outros operários, fizeram uma exposição pedindo aumento de salário? Então, não é também verdade que o ministro das Corporações é representante e dedicado colaborador dum governo que só tem trazido a fome, a miséria e o luto aos lares dos trabalhadores portugueses? Quais são então os outros motivos que levam alguns dos nossos camaradas a acreditar nas promessas do senhor ministro? Não é porque não sejam estes nossos camaradas que mais falem dos despedimentos, dos castigos, das prisões e dos crimes do fascismo; mas eles falam de tudo isto para pretenderem justificar que não há possibilidades de lutar porque «o pote tem medo», «só quer é bolar», «não está para se ralar» etc... Precisamos, para que isto não tenha influências negativas em nós, de confiarmos nos trabalhadores, manter bem vivo em nós os melhores exemplos de lutas que os trabalhadores têm travado, das suas vitórias e nunca esquecermos o heroísmo e patriotismo de que têm dado provas. Precisamos de compreender-nos de que somos a vanguarda do povo trabalhador e de que os trabalhadores exigem de nós mais iniciativa e mais abnegação no combate pelos seus interesses vitais.

Agora, há camaradas que pedem para que o Partido, através dos materiais, eduque primeiro as massas. Outro camarada diz que sem uma organização forte não é possível desenvolverem-se lutas e conquistarem-se vitórias.

É justo que nos preocupemos em fortalecer o nosso Partido, recrutando trabalhadores sérios e ligados às massas, mas também é justo que o nosso Partido, todos os militantes, façam um esforço maior no sentido de educar as massas, de lhes desatar a iniciativa, de se ligarem a elas. Mas como fazer tudo isso? Como será que a luta dos corticeiros pode andar para a frente?

Naturalmente que através dos nossos materiais e de «O Corticeiro», os trabalhadores aprendem bastante, criam uma melhor compreensão para resolverem os seus problemas. Mas não pensemos que isso basta nem tão pouco que é o fundamental para os levar a lutar. Se queremos que os trabalhadores se eduquem ligeiramente a eles nas fábricas, mostremos-lhes diariamente a exploração de que são vítimas, ajudemos-os a formar comissões de unidade, sejamos os mais destacados nas lutas, mostremos-lhes, com as vitórias já conquistadas, a importância da sua luta e da sua unidade. Se assim fizermos poderemos estar certos que estamos trilhando o caminho que nós desejamos, o caminho certo, aquele que melhores resultados trará aos trabalhadores e também ao nosso Partido. Podemos estar certos que então não faltarão trabalhadores destacados, capazes de ingressarem no nosso Partido, verdadeiros lutadores que não nos oferecerão dúvidas em aceitá-los. PORTANTO É PRECISO QUE TODOS OS MILITANTES ESTEJAM CERTOS QUE AS LUTAS DE MASSAS SÃO O MELHOR LIVRO PARA EDUCAR OS TRABALHADORES E O MAIOR CENTRO DE RECRUTAMENTO PARA O NOSSO PARTIDO.

A IMPORTÂNCIA DAS COMISSÕES DE UNIDADE

Se analisarmos bem qual tem sido a nossa acção e orientação junto dos corticeiros então talvez fiquemos com uma ideia mais clara e também com uma certeza maior de que alguma coisa importa modificar no nosso trabalho. Tem sido também um dos motivos principais do amolecimento da luta a falta de organização desta e também duma orientação inaleável e serena, assente na base do conhecimento profundo das aspirações e disposição das massas que teria permitido uma melhor aplicação desta e, por isso mesmo, ganhar a confiança dos trabalhadores e fortalecido a sua unidade.

Fizeram-se várias concentrações, paralizações e greves, que mesmo tendo por vezes um carácter massivo, não estavam bem organizadas. Não soubemos, como se impunha, ajudar os corticeiros a escolherem e a elegirem al as suas comissões de unidade, para tomarem a direcção da luta, e mesmo onde se elegeram algumas houve sempre uma preocupação exagerada em pôr lá os fixes deixando os outros trabalhadores mais simples mas dedicados à luta, de lado. O resultado foi depois os fixes serem os menos fixes porque se diziam queimados e assim se isolaram das massas que os elegeram. Nós compreendíamos melhor e trabalharíamos melhor e com mais êxito junto dos trabalhadores se estivessemos sempre lembrados dos muitos exemplos de luta, positivos e negativos, que os trabalhadores nos dão e que são afinal a sua própria e riquíssima experiência. Não é verdade que em 1944-1945-1946 houve concentrações de 1.000 operários no Seixal, de 600 em Almada e Barreiro, de 500 no Montijo, etc... É ou não verdade que de há dois anos para cá a classe corticeira tem feito dezenas de concentrações algumas delas com 300 e 400 operários, paralizações e mesmo greves pela saída dum novo despacho. Estas são as lutas mais salientes, porque além destas lutas mais massivas, podíamos enumerar dezenas de pequenas lutas e protestos que têm tido lugar por falta de higiene e de segurança no trabalho, por melhores condições de trabalho e tantos outros problemas que aparecem todos os dias dentro das fábricas e pelos quais os operários sempre estão dispostos a lutar. O que depois podemos tirar de experiência para o nosso trabalho, e que melhor possa servir a luta actual, é a convicção que muitas destas lutas têm tanto mais êxito, quanto melhor foram organizadas. Assim, por exemplo, em 1946, havia no Barreiro uma comissão de unidade com 62 operários e operárias, no Seixal havia outra com 28, e em Almada e no Montijo com 26 e 24 respectivamente, em Vendas Novas, Faro, Silves e noutras terras as havia. Além disso havia nessa altura uma comissão regional com delegados daquelas comissões que desenvolveu um bom trabalho em defesa dos interesses dos corticeiros.

De há dois anos para cá também a luta teve aspectos mais massivos e houve mais êxitos onde houve comissões a orientar a luta. Foi uma comissão com 17 operários e operárias, que em Novembro e Dezembro de 1955, em Almada, promoveu 4 concentrações no sindicato, principalmente com mais de 250 operários e operárias, para discutirem a saída dum novo Despacho, foi também um grupo de 33 operários que no Seixal, em Março de 1956, promoveu duas concentrações no sindicato com mais de 200 operários cada uma, também para discutirem a saída dum novo Despacho. No Barreiro, no Montijo, em Faro, em Silves e em Lisboa foram feitas várias concentrações junto dos patrões e dos sindicatos, e todas elas tiveram nesse momento um mínimo de organização. Se hoje a classe corticeira não conquistou já mais vitórias, foi porque nós, os membros do Partido, não tivemos sempre em conta que a luta precisava de ser organizada e não soubemos, também, mantê-la onde ela já estava organizada.

Pensou-se de forma errada quando se disse que não eram precisas comissões que «a comissão, somos nós todos». Não. As comissões não devem ser nós todos, mas sim, compostas apenas por aqueles operários e operárias que a massa dos seus companheiros de trabalho escolheram para orientar as suas acções em defesa dos interesses de todos.

A IMPORTÂNCIA DOS SINDICATOS

O governo, pondo os sindicatos debaixo do seu controle, pensou que ia travar toda a acção dos trabalhadores junto dos sindicatos. Apesar das dificuldades que isso tem criado e prejuizo que tem causado, os trabalhadores têm-se servido dos seus sindicatos para lutarem pelos seus interesses, embora não tão amplamente como seria para desejar e como é possível fazê-lo.

Os operários corticeiros souberam mostrar no decorrer de dezenas de lutas que os sindicatos, em direcções honradas ou não, deviam ser sempre pressionados para defenderem os seus interesses.

Em 1946, pressionados pela luta dos operários, os di-



rigentes sindicais reuniram com a participação de delegados operários para discutirem a saída de um novo despacho, facto que se verificou ao fim de algum tempo.

Em 1947, em Silves, os operários fizeram várias concentrações exigindo um refeitório com comida barata e um bairro operário. Uma comissão foi a Lisboa avistar-se com as autoridades com vista a conseguir-se tal objectivo. Também quando a INFAL, no Montijo, fechou as suas portas, os operários durante 15 dias fizeram 8 concentrações junto do sindicato, forçando a interessar-se pelo problema. Várias comissões foram ao INT e também fizeram várias concentrações junto da empresa, tendo conseguido assim que a fábrica fosse reaberta.

Os operários do Rankin de Almada conseguiram que o sindicato escrevesse uma carta à gerência apoiando o pedido de aumento que os operários fizeram, conseguindo assim 10% de aumento.

Os operários de Vendas Novas formaram uma comissão e com um dirigente sindical foram ao INT para que tomassem medidas contra o desemprego.

Um grupo de trabalhadores da Fritz, de Faro, que foi despedido em Abril de 1954 por se recusar a aceitar normas de trabalho que representavam uma maior exploração, com a colaboração do sindicato conseguiu que lhe fosse paga uma indemnização de 40 contos.

Estas são algumas das muitas vitórias que os trabalhadores conquistaram pela luta junto dos sindicatos. Os sindicatos têm sido para os trabalhadores, apesar de toda a espécie de dificuldades que o fascismo tem imposto, uma boa escola onde mais facilmente se tem feito a sua unidade. Contudo, apesar do muito de positivo que se tem feito, podemos dizer que os comunistas não têm ainda uma ideia clara da importância que os sindicatos têm para a unidade da classe operária. Se existisse entre todos os comunistas uma compreensão justa sobre a importância dos sindicatos para a luta e a unidade da classe operária, não se verificaria o abandono que ainda se verifica dos sindicatos e não se alimentariam ódios contra eles quando afinal a nossa acção deverá ser a de mobilizarmos os trabalhadores para irem aos sindicatos e fazê-los interessar-se por uma causa que é a sua. Temos nós actuado assim? Não. Mas contudo nós dizemos que é preciso educar as massas, esquecendo frequentemente que temos muito a aprender com as massas, que é preciso organizá-las e fazê-las criar uma consciência política. Sentimos a necessidade de empregar formas legais de luta. Precisamos, numa palavra, de saber defender os interesses dos trabalhadores. Então o que aproveitamos? Quase nada, porque nós esquecemos que o sindicato é dos meios mais simples e mais fácil de unir a classe operária, que ela já está ali organizada e que todo o nosso trabalho deve ser unido. Esquecemos também que os sindicatos podem ser centros de discussão que ajudam os trabalhadores a criar maior consciência de classe e maior consciência política. Esquecemos, portanto que os sindicatos serão, se soubermos ali trabalhar e conduzir para lá as massas, verdadeiras fortalezas dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses. A prova de que assim é, é que mesmo estando direcções fascistas à frente de muitos sindicatos é para lá que os operários vão mais facilmente. Além disso, nós temos ido para os sindicatos da mesma forma como se fossemos para os patrões. Temos respondido às ameaças e insultos de alguns dirigentes sindicais, também com ameaças e insultos. Por outro lado, criamos a ideia aos trabalhadores de que os sindicatos eram os nossos maiores inimigos, «que eles precisavam de uma bomba atómica», e tantas outras coisas como essas. Procedendo assim, nós não sabemos ser maleáveis para com esses dirigentes sindicais, esquecemos-nos de que eles eram, acima de tudo, operários como nós e que por isso mesmo era preciso actuar de outra maneira. Nalguns casos continua a alimentar-se

o ódio contra os sindicatos, só porque lá estão dirigentes que não foram eleitos pelos trabalhadores. Metemos todas as direcções e todos os elementos que as compõem no mesmo saco, esquecendo que mesmo nessas direcções existem homens sérios que, ajudados, podem fazer qualquer coisa pelos interesses dos trabalhadores. Abandonam-se assim os sindicatos, esquecendo, ou não conhecendo, os ensinamentos de Lênine de que é preciso «usar de todos os estratagemas, usar de astúcia, adoptar processos ilegais, calar-se por vezes, dissimular a verdade, com o único fim de penetrar nos sindicatos de aí permanecer e aí cumprir, apesar de tudo, a tarefa comunista». Por isso torna-se necessário sermos mais tolerantes e maleáveis para com os dirigentes sindicais, devemos saber eliminar todo o sectarismo que ainda existe a este respeito, «nós não devemos por como única perspectiva aos dirigentes sindicais o rompimento definitivo ignominioso com a sua classe, a passagem clara e irrevogável para o campo do inimigo de classe. Devemos também abrir-lhes a possibilidade de ganharem a confiança da classe operária acompanhando as massas trabalhadoras nas suas lutas, mostrando-se pela sua acção, dignos da sua classe» (Duarte, Informe do Secretariado ao 1.º Congresso Ilegal, em 1943). Mas, para que isso seja possível, precisamos levar os trabalhadores para os sindicatos com uma ideia concreta do que são os dirigentes sindicais e como devemos agir junto deles, precisamos de dizer aos trabalhadores que mesmo lá estando direcções postas pelo governo podemos e devemos ir para lá fazer a nossa unidade com ou sem os dirigentes sindicais. Se não o fizermos perdemos para a nossa luta uma fortaleza muito importante.

ELIMINARMOS NA PRÁTICA OS NOSSOS ERROS

Os comunistas têm o dever, nesta como em qualquer luta, sempre que se trate de defender os interesses dos trabalhadores, de serem os mais consequentes e abnegados lutadores, dispostos a todos os sacrifícios. Mas para cumprirmos com êxito o nosso dever, precisamos sentir uma confiança ilimitada e um grande amor pelos trabalhadores. Para ganhar a sua confiança é preciso mostrar-lhes na prática e com a sua própria experiência, quanto vale a sua unidade e a sua força, o que significam as suas vitórias. Mostrar-lhes, enfim que nós comunistas colocamos acima de tudo os interesses do povo e da Pátria. Neste momento todos nós, operários corticeiros membros do Partido, devemos fazer um esforço importante para eliminar na prática as causas profundas que conduziram ao amolecimento da luta sem que se tivessem conquistado as reivindicações principais. Nós vemos agora melhor que muita coisa importa modificar na nossa acção e orientação junto dos corticeiros. Vemos, por exemplo, que é necessária a criação imediata de comissões de unidade de empresa, locais e regionais, escolhidas pelo maior número possível de trabalhadores. Vemos também quão importantes são os sindicatos e a necessidade de la irmos todos, e aí trabalharmos numa forma maleável e serena de maneira a facilitar a nossa unidade com as direcções sindicais. Sentimos melhor agora a necessidade de confiarmos mais nos trabalhadores, a necessidade de sentirmos também que as derrotas dos trabalhadores são também as nossas derrotas e de que as vitórias dos trabalhadores são também vitórias nossas. Tudo isto não será muito difícil de realizar se tivermos uma justa compreensão do que é ser membro do Partido Comunista, cuja acção se dirige no sentido de cada vez mais e melhor orientar e organizar os trabalhadores na sua luta pela conquista de melhores condições de vida, pela liberdade e a democracia.

«Para podermos travar com sucesso a luta contra o sectarismo, é preciso que cada comunista tenha a ideia clara de que para isso importa que o Partido enfileire mais a sua organização nas massas, que o trabalho em todos os seus organismos tenha sempre a caracterização do espírito colectivo. Importe que todas as organizações do Partido, que todos os comunistas se viam autenticamente para as massas, que convivem com elas para as conquistarem para a unidade e a acção.» (Do Informe do camarada AMILCAR à VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central)